

## GÊNEROS DO DISCURSO: ESFERAS, *ARCHAICA* E CONSTITUTIVIDADE

Rodrigo Acosta Pereira (UFSC)

**RESUMO:** Objetivamos apresentar uma discussão teórico-epistemológica acerca do conceito de *gêneros do discurso*, à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin, a partir da relação entre: (i) esferas e gêneros do discurso; (ii) as instâncias constitutivas do relativo acabamento do gênero e (iii) a constitutividade histórica do gênero e seu engendramento na *archaica*. Para tanto, revisitamos os escritos do Círculo de Bakhtin, assim como algumas pesquisas contemporâneas em torno da análise de gêneros do discurso sob o olhar bakhtiniano a fim de compreendermos o conceito sob a ótica do Círculo. Entendemos que a pesquisa apresenta-se relevante, pois contribui para as discussões atuais no campo da Linguística Aplicada sobre gêneros do discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros do discurso, constitutividade, Bakhtin

## DISCOURSE GENRES: SPHERES, *ARCHAICA* AND CONSTITUTION

**ABSTRACT:** We aim at presenting a theoretical and epistemological discussion about the concept of discourse genres based on written from Bakhtin's Circle throughout the relationship between: (i) the spheres and discourse genres; (ii) the constitutive instances of the relative genre composition and (iii) the genre historical constitution and its *archaica*. To do so, we review the written from Bakhtin's Circle as well as the contemporary bakhtinian studies. We understand that the research is relevant because it contributes for the discussions and investigations in Applied Linguistics concerning the discourse genres.

**KEYWORDS:** Discourse genres, constitution, Bakhtin



## Introdução

Os gêneros do discurso/textuais têm sido objeto de pesquisa na Linguística Aplicada, seja no âmbito da análise dos gêneros, seja na perspectiva de sua elaboração didática para o ensino e aprendizagem de línguas. Além dos variados caminhos metodológicos de investigação e suas finalidades (como visto, análise de gêneros e ensino e aprendizagem de línguas), os estudos atuais se desenvolvem a partir de diferentes correntes teóricas. Atualmente, nos campos citados, podemos observar percursos teórico-metodológicos sociossemióticos; sociorretóricos interacionista-sociodiscursivos; semiodiscursivos; linguístico-textuais de base sociocognitiva; antropológicos e dialógicos, por exemplo (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2009).

Outro percurso científico atual na área da Linguística Aplicada tem sido inter-relacionar os estudos de gêneros do discurso/textuais com os estudos de letramento. Pesquisas nessa perspectiva objetivam compreender como os gêneros medeiam as práticas de leitura e de escrita sócio-históricoculturalmente situadas, não apenas significando essas práticas, como também entendendo a mediação que os gêneros promovem, tendo a escrita como meio semiótico e simbólico para tal.

Nesse contexto, dentre os vários caminhos possíveis no campo da Linguística Aplicada, *o objetivo* desta pesquisa é realizar uma discussão teórico-epistemológica acerca do conceito de gêneros do discurso sob o olhar dialógico. Para tanto, tomamos como *base teórica* os escritos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]; BAKHTIN, 1998[1975]; 2003[1979]; 2004[1924]; 2008a[1963]; 2008b[1965]; 2010[1920/1924]; MEDVIÉDEV, 2012[1928]), procurando compreender como os gêneros do discurso se constituem, funcionam e se formam nas mais variadas situações de interação. Em outras palavras, objetivamos revisitar os escritos e traçar um caminho essencialmente teórico-epistemológico em torno do conceito de gêneros do discurso sob o matiz dialógico do Círculo de Bakhtin.

## 1. O gênero do enunciado e as esferas de atividade humana

Um dos fatores do acabamento dos enunciados é o gênero do discurso do enunciado. É o gênero que orienta o falante no processo discursivo e o interlocutor no “cálculo” do acabamento do enunciado. Assim, para Bakhtin (2003[1979]), por mais diferentes que sejam os enunciados, estes, como unidades de comunicação discursiva, possuem características comuns, que os determinam e lhes dão acabamento, dentre essas, as formas típicas de gênero.

Os gêneros do discurso, dessa forma, em relação ao falante, podem ser considerados como um *modelo* relativamente estável para a construção da totalidade discursiva, o enunciado; por outro lado, em relação ao interlocutor, os gêneros funcionam como um horizonte de expectativas (RODRIGUES, 2001), sinalizando ao interlocutor sua extensão, sua composição, assim como a posição valorativa expressa no enunciado. Ao se relacionar com o discurso alheio, “o ouvinte (leitor), desde o início, infere o gênero no qual o enunciado se encontra moldado e, dessa forma, as propriedades genéricas em questão já se constituem em índices indispensáveis à compreensão (interpretação) do enunciado.” (RODRIGUES, 2001, p. 40).

Além disso, a construção do enunciado não é resultado da livre escolha das formas da língua. Apesar da vontade do falante, os enunciados possuem formas típicas para a construção da totalidade discursiva. Como explica Rodrigues (2001),

Para além das formas da língua nacional (léxico e gramática), são necessárias para a interação verbal, as formas do discurso, isto é, os gêneros, que o organizam em determinada forma estilística e composicional. As unidades dos dois domínios (da língua e do discurso) são necessárias para a intercompreensão, embora os gêneros, em comparação com as unidades da língua, sejam diferentes no que se refere a sua estabilidade e normatividade. Eles são mais flexíveis e combináveis, mais sensíveis e ágeis às mudanças [...]. (RODRIGUES, 2001, p. 40).



A autora também nos esclarece que os gêneros do discurso não são criados pelos falantes, mas lhe são dados historicamente. O uso de um determinado gênero está associado a sua esfera de atividades humana historicamente constituída e com finalidades discursivas específicas.

Com isso, consoante à compreensão dos gêneros do discurso como enunciados típicos que relativamente se estabilizam nas diversas situações sociais de interação, Bakhtin (2003[1979]) propõe *as esferas sociais* como princípio organizador dos gêneros, isto é, as esferas tipificam as situações de interação, estabilizam relativamente os enunciados que nelas circulam, originando gêneros do discurso particulares dessas esferas. Concordamos com Rodrigues (2001, p. 70) ao afirmar que “cada esfera conhece e aplica os seus próprios gêneros”, posto que as características particulares da constituição e do funcionamento dos gêneros do discurso estão vinculadas às especificidades das esferas sociais nas quais estes funcionam, circulam e se organizam. Com isso, percebemos que cada esfera organiza suas formas típicas de comunicação social, à medida que

As relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre os indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. [...] Estas formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 43).

Cada esfera apresenta uma orientação social determinada para a realidade, para objetos discursivos próprios e funções ideológicas específicas. Os gêneros do discurso, por conseguinte, não são indiferentes às especificidades de sua esfera. Assim, podemos compreender que os gêneros se constituem a partir de situações da vida social relativamente estáveis, ou seja, imersos nas esferas sociais que, por sua vez, comportam diversos intercâmbios comunicativos. Além disso, em função da complexidade de cada esfera social,

a diversidade e a fluidez dos gêneros são infinitas, como afirma Bakhtin (2003[1979], p. 262): “[...] são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, [este] cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.” Com isso, como já dito, podemos entender que são os gêneros que organizam o nosso discurso e permitem a comunicação discursiva, pois, segundo Bakhtin (2003[1979], p. 283),

Os gêneros do discurso *organizam nosso discurso* quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais. Nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume [...] uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação de conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 283, grifos nossos).

Partindo dessa explicação do conceito de gêneros do discurso e da sua relação com as interações, os enunciados e as esferas da atividade humana, é possível direcionarmos-nos às discussões de Bakhtin sobre a noção de *gêneros primários e secundários*. Cabe primeiramente ressaltar que o autor não tem a preocupação de estudar os gêneros a partir de classificações, no entanto, o autor enriquece a discussão sobre gêneros quando apresenta delineamentos sobre o que sejam os gêneros primários e os secundários. O autor explica que os gêneros primários são aqueles produzidos e significados (que circulam e são compreendidos) em esferas sociais da vida cotidiana que, por conseguinte, se constituem pelas ideologias do cotidiano. Os gêneros secundários, por sua vez, se constituem nas esferas complexas e, portanto, pelas ideologias sistematizadas e formalizadas, que são diferentes das ideologias do cotidiano (embora ambas estejam sempre em relação dialética). Poderíamos assim entendê-los:



Gêneros Primários			Gêneros Secundários		
<i>Características</i>	<i>relativamente</i>	<i>estáveis</i>	<i>Características</i>	<i>relativamente</i>	<i>estáveis</i>
(BAKHTIN, 2003, p. 263)			(BAKHTIN, 2003, p. 263)		
- Esferas sociais não-formalizadas e não-especializadas;			- Esferas sociais formalizadas ou especializadas;		
- São gêneros simples: carta pessoal, bilhete, conversa ao telefone com amigos ou familiares, etc;			- São complexos: romance, drama, os gêneros da pesquisa científica, gêneros jornalísticos;		
- Gêneros orais ou escritos;			- Surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado;		
- Os gêneros primários que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios para se tornarem parte de um enunciado de gênero secundário;			- Gêneros orais e escritos;		
- Surgem das condições sociais de comunicação do dia-a-dia.			- No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários;		
			- Saturados por ideologias sistematizadas;		
			- Surgem de condições sociais de comunicação especializada.		

Tabela 1: Gêneros primários e secundários com base em Bakhtin (2003[1979]).

Por ideologias do cotidiano, Bakhtin (e Volochínov, 2006[1929], p. 123) compreende as formas de consciência social, os modos de ver e conceber a realidade centradas e, por sua vez, orientadas para as práticas de interação da vida cotidiana. Por momentos, o autor compara as ideologias do cotidiano com o termo marxista “psicologia social”, afirmando que elas “constituem o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 123).

Por ideologias sistematizadas, Bakhtin (e Volochínov, 2006[1929], p. 123) entende os sistemas ideológicos sistematizados da moral, da ciência, da arte, dentre outros. As ideologias sistematizadas se cristalizam a partir das ideologias do cotidiano, exercendo sobre estas uma forte influência, dando-lhes o tom. De acordo com o autor, “os produtos ideológicos constituídos conservam constantemente o elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano, alimentam-se de sua seiva [...]” Em outras palavras, de um lado, a ideologia sistematizada age sobre a ideologia do cotidiano, de outro, a ideologia sistematizada, ao estabelecer contatos com a ideologia do cotidiano, impregna-

se dela, alimenta-se de sua seiva. Bakhtin (e Volochínov, 2006[1929]) acrescenta que

Os níveis superiores da ideologia do cotidiano que estão em contato com os sistemas ideológicos são substanciais e têm caráter de responsabilidade e de criatividade. São mais móveis e sensíveis que as ideologias constituídas. São capazes de repercutir as mudanças da infraestrutura socioeconômica mais rápida e mais distintamente.

Aí justamente é que se acumulam as energias criadoras com cujo auxílio se efetuam as revisões parciais ou totais dos sistemas ideológicos. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 125).

Dessa forma, a partir de um princípio sócio-histórico e ideológico, os gêneros primários se constituem na comunicação discursiva imediata. Os gêneros secundários surgem nas condições da comunicação cultural mais complexa, mais desenvolvida e organizada. Em outras palavras, como dito anteriormente, os gêneros primários estão ligados às condições e formas de comunicação social determinadas por ideologias do cotidiano e, os gêneros secundários, por sua vez, por ideologias especializadas/sistematizadas.

Como visto, para Bakhtin (2003[1979]), a diferença entre gêneros primários e secundários é também importante para entendermos a natureza dos enunciados e a complexa relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia. Bakhtin (2003[1979]) pontua, acerca dessa questão, que,

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades do gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional (BAKHTIN, 2003[1979], p. 265).

Bakhtin (2003[1979]), a esse respeito, afirma que os gêneros do discurso refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera social por meio da relativa regularidade do objeto temático, como também através do



estilo e da construção composicional. Para o autor, essas três instâncias, em contínua relação, “estão indissolavelmente ligadas no todo do enunciado e são igualmente determinadas pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 262). Assim, podemos entender como cada campo ou esfera social elabora e significa seus enunciados relativamente estabilizados, os gêneros do discurso.

Como explica Rodrigues (2001), todos os enunciados, vistos sob a ótica do acontecimento, são únicos; entretanto, enquanto elos da comunicação discursiva, estes se inscrevem dentro de uma formulação genérica específica e partilham de características comuns aos outros enunciados daquela situação social de interação. Assim, “os elementos de cada enunciado estão vinculados necessariamente à totalidade do enunciado e do gênero, do qual o enunciado é um representante concreto.” (RODRIGUES, 2001, p. 43). Dessa forma, entendemos que as três dimensões constitutivas dos gêneros - o tema, o estilo e a composição - são complementares entre si e se constituem relativas às especificidades provenientes de cada esfera. São esses fatores (elementos) que conferem aos gêneros do discurso o seu caráter relativamente estável.

## **2. As dimensões constitutivas dos gêneros do discurso**

Uma das dimensões do gênero do discurso é o conteúdo temático. Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo, sua unidade de sentido e uma orientação ideológica específica. “Se na realidade o objeto é inesgotável, quando se converte em tema do enunciado, adquire um sentido particular, [...] nos limites da intenção (vontade, propósito discursivo) do autor.” (RODRIGUES, 2001, p. 43). Esse processo, Bakhtin (2003[1979]) denomina-o de esgotamento do sentido do objeto.

A partir disso, podemos entender que, para Bakhtin (2003[1979]), todo gênero do discurso tem um conteúdo temático específico, um objeto do discurso e o sentido determinado para com ele e os próprios gêneros. Em outras palavras, o tema do enunciado é diferente, à medida que se

diversificam as situações de interação. À luz da teoria bakhtiniana, Fiorin (2006, p. 62) esclarece que o tema, “[...] não é o assunto específico de um texto, mas é o domínio de sentido de que se ocupa o gênero.”.

Além disso, para Bakhtin (2003[1979]), o conteúdo temático não corresponde especificamente ao significado de um determinado conteúdo ou assunto, isto é, à materialização linguística do conteúdo e não se esgota enquanto assunto ou objeto de discussão do gênero do discurso. O autor ainda explica que o tema atua nos gêneros a fim de situá-los nas situações interativas, representando diferentes formas de conceber e compreender a realidade. Grillo (2006), a esse respeito, explica que,

O tema do gênero refere-se ao modo de relação do enunciado com o objeto de sentido; é de natureza semântica; caracteriza-se por atribuir uma apreensão delimitadora do objeto de sentido e por compor-se de uma expressão valorativa, [...] (GRILLO, 2006, p.146)

Conforme explica Grillo (2006), assim, podemos entender que o conteúdo temático do gênero do discurso trabalha em dois planos: o da representação e o da refração da realidade. Dito de outro modo, os gêneros do discurso apresentam sempre uma dupla orientação na/para a realidade: o conteúdo temático não é apenas representação, mas também refração das possibilidades de constituição do conteúdo temático do gênero. Os gêneros orientam-se na/para a vida, refletindo e refratando determinados aspectos da realidade. Desse modo, o conteúdo temático diz respeito à maneira como o gênero seleciona elementos da realidade e como os trata na constituição de seu conteúdo temático. Em termos gerais, o tema dos gêneros desempenha papel fundamental na apreensão do real e na sua conseqüente representação/refração. Medviédév (2012[1928], p. 198) explica que

Se abordarmos o gênero do ponto de vista da sua relação interna e temática com a realidade e sua formação, então, podemos dizer que cada gênero possui seus próprios meios de



visão e compreensão da realidade, que são acessíveis somente a ele.

Caretta (2011), a esse respeito, explica que o tema é um dos elementos constitutivos dos gêneros que regulariza socialmente o sistema de recursos e modos de tratar a realidade, à medida que “os gêneros desempenham papel importantíssimo na apreensão do real, pois através deles, o homem organiza, compreende e comenta o seu mundo.” (CARETTA, 2011, p. 24). Como pontua Medviédev (2012[1928], p. 196), “cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade [...]”.

Intimamente ligado ao conteúdo temático está o estilo, que diz respeito à seleção típica dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. A existência de estilo implica sempre a existência de um gênero, isto é, “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 265). Podemos compreender que o estilo é indissociável da unidade de sentido e de composição.

Como já vimos, Bakhtin (2003[1979]) ressalta que cada esfera tem seus gêneros, que se relacionam com determinadas situações sociais de interação e que a cada gênero corresponde um estilo próprio, isto é, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos.” (p. 266). Ao considerar que cada gênero tem um estilo, o autor aponta para a existência não somente do estilo individual do falante, mas considera também o estilo próprio dos gêneros do discurso. Ainda, sendo o estilo, em confluência com o conteúdo temático e a composição, um elemento integrante do gênero, muitas vezes o estilo individual não se sobrepõe ao estilo genérico, o que leva o autor a considerar o estilo individual um epifenômeno.

O estilo, portanto, diz respeito às possibilidades de utilização de recursos linguísticos. Um gênero determinado corresponde a um estilo determinado. Como bem lembra-nos Brait (2006), ao explicar a concepção bakhtiniana de estilo, “o estilo tem a ver com o gênero, o que implica coerções

linguísticas, enunciativas e discursivas, próprias da atividade em que se insere.” (BRAIT, 2006, p. 94-95). Compreendido dessa maneira, enquanto o tema determina a seleção dos aspectos da realidade com os quais e a partir dos quais o gênero opera, o estilo, por sua vez, determina os usos dos recursos linguísticos e enunciativos possíveis e específicos para representar e refratar essa realidade no gênero.

Outra dimensão constitutiva é a composição do gênero. Para Bakhtin (2003[1979]; 2008a[1963]), são os procedimentos de disposição, orquestração e acabamento do enunciado. Além disso, a composição leva em consideração a mobilização dos participantes da comunicação discursiva. Essa dimensão não se confunde com formas estruturais rígidas, mas como uma dimensão fluida e dinâmica, passível de mudanças. “Na produção do enunciado, é a noção acerca da forma do enunciado total, isto é, de um gênero do discurso específico, que coloca o discurso em determinadas formas composicionais e estilísticas.” (RODRIGUES, 2001, p. 44).

Com isso, podemos entender que a construção composicional de um gênero é responsável pela organização material do enunciado. Contudo, apesar de determinar a forma do enunciado, a composicionalidade não pode apenas ser compreendida por essa característica, à medida que o gênero não pode ser reduzido a sua unidade formal. De acordo com Bakhtin (2003[1979]), a forma composicional está ligada a uma “forma padrão relativamente estável de estruturação de um todo” (p. 301) e ainda pode ser considerado o elemento mais característico do gênero.

Portanto, na perspectiva bakhtiniana, entendemos os gêneros como tipos temáticos, estilísticos e composicionais dos enunciados que se constituem a partir de situações sociais de interação típicas relativamente estáveis. Como esclarece Fiorin (2006), “o gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio de enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a



vida se introduz na linguagem.” (FIORIN, 2006, p. 61). Entendemos os gêneros sempre vinculados a um determinado campo de atividade humana, refletindo e/ou refratando suas condições específicas e suas finalidades. Os gêneros são meios de apreender e compreender a realidade. Após a discussão sobre a esfera e as dimensões constitutivas dos gêneros, passamos a apresentar um estudo sobre o conceito de *arcaica* e sua relação com o processo de formação histórica dos gêneros do discurso.

### 3. A formação histórica dos gêneros: *arcaica* e discursividade

Além das discussões expostas, procuramos também entender o processo de formação dos gêneros. Bakhtin (2008a[1963]), ao tratar da história dos gêneros, especificamente dos gêneros literários, afirma que, por sua natureza intrínseca, os gêneros do discurso refletem as tendências mais perenes da evolução histórica; o gênero conserva sempre os elementos “imorredouros da *arcaica*<sup>1</sup>.” (BAKHTIN, 2008a[1963], p. 121). Assim, todo gênero, mesmo no processo de atualização e de renovação, conserva as suas particularidades características de tempos anteriores.

Contudo, como afirma Bakhtin (2008a[1963]), a *arcaica* só se conserva no gênero em função de sua permanente renovação, à medida que, para o autor, “o gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo.” (BAKHTIN, 2008a[1963], p. 121). O gênero renasce e se renova em cada nova etapa histórico-cultural, e é nesse processo de renascimento e renovação que consiste a vida do gênero.

Por essa razão, Bakhtin insiste que a própria *arcaica* que se conserva no gênero não é morta, mas precisamente viva, e por razão de sua vivacidade que o gênero é capaz de renovar-se. Para o autor, “o gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.” (BAKHTIN, 2008a[1963], p. 121). Todo gênero do discurso possui uma lógica concreta orgânica,

---

<sup>1</sup> O termo, em Bakhtin (2008a[1963]), apresenta o sentido de traços característicos e distintos de tempos anteriores.

determinada criativamente a partir de protótipos ou fragmentos do gênero. Assim, cada variedade de gênero, ou cada “novo” gênero sempre generaliza essa lógica concreta de algum modo, contribuindo para a sua renovação.

Outra discussão pertinente acerca da formação dos gêneros está no que Bakhtin (e Volochínov, 2006[1929]) afirmam ser a relação entre a palavra e as transformações sociais. Como observa o autor, a palavra é tecida a partir de uma inter-relação de fios ideológicos, servindo de trama para todas as relações sociais em quaisquer que sejam os domínios. Com isso, a palavra apresenta-se como um indicador das diversas transformações sociais.

É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistema ideológicos estruturados e bem-formados. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 42, grifos do autor).

Assim, para o autor, a palavra constitui o meio pelo qual se engendram diversas e contínuas acumulações de mudanças sociais que ainda, por sua vez, não tiveram seu tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, uma forma ideológica nova e acabada. “A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 42). Ao relacionarmos essa questão com a

formação dos gêneros, podemos entender que “novos” gêneros nascem como resultado de mudanças sociais, a partir do advento de novas práticas sociais e, por conseguinte, de novas práticas de uso da linguagem.

Para Bakhtin (e Volochínov, 2006[1929]), as relações de produção e a estrutura social determinam os contatos verbais possíveis, todas as formas e os meios de comunicação verbal, e destas formas e tipos de comunicação verbal derivam os diversos modos de discurso, isto é, formas de interação verbal ou gêneros do discurso.

Bakhtin (e Volochínov, 2006[1929]) afirma, sob essa perspectiva, que essas formas de interação verbal, sensíveis a todas as transformações sociais,



acham-se estreitamente vinculadas às condições da situação de interlocução dada e reagem sensivelmente a todas as flutuações da atmosfera social. Com isso, os gêneros “novos” que se formam são resultados da renovação de gêneros da tradição, como produtos de “novas” formas de interação social.

Outra questão que poderíamos relacionar com a emergência de “novos gêneros” é a discussão de Bakhtin sobre o processo de transmutação, mais especificamente sobre a relação constitutiva entre gêneros primários e secundários (questão já discutida no artigo). Bakhtin (2003[1979]) afirma que a diversidade dos gêneros do discurso é infinitamente rica, posto que são inesgotáveis as possibilidades multiformes da atividade humana. Além disso, para o autor, essa riqueza e extrema heterogeneidade é consequência de que cada campo de atividade humana constrói e tipifica seu repertório de gêneros, que pode crescer e se diferenciar, à medida que se complexifica esse determinado campo.

Bakhtin (2003[1979], p. 263) entende que, no processo de formação dos gêneros, os secundários, aqueles que surgem de situações sociais em esferas ideologicamente sistematizadas, constituem-se a partir da reelaboração de diversos gêneros primários, que se constroem nas condições de comunicação mais imediata. Além disso, como já dito, para o autor, há uma relação orgânica entre esferas e gêneros dos gêneros, posto que uma determinada função (científica, oficial, ou cotidiana, por exemplo) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo (esfera), geram gêneros específicos, isto é, determinados enunciados típicos relativamente estáveis.

Assim sendo, entendemos que na formação dos gêneros: os gêneros emergentes apenas refletem, de forma mais direta, a ideia bakhtiniana de que os enunciados e seus tipos são, de fato, “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 268). Por isso, segundo autor, nenhum fenômeno linguístico considerado “novo” pode integrar o sistema da língua sem ter perpassado pelo complexo caminho da elaboração de gêneros e estilos.

Entendemos que os gêneros são modos específicos de conceber a realidade, assim, com novas práticas sociais, novos gêneros emergem. Bakhtin (2008a[1963]) compreende que os gêneros são como formas de conceitualizar certos aspectos da vida e, com efeito, as pessoas, nas diversas práticas culturalmente situadas, precisam reconhecer os novos gêneros à medida que novas práticas sociais expandem o âmbito de suas experiências.

O autor explica que, em função de cada gênero do discurso ser capaz de controlar certos aspectos definidos da realidade (BAKHTIN, 2003[1979]), cada gênero possui princípios definidos de seleção e de adaptação aos aspectos da vida. Bakhtin (1998[1975], p. 134) afirma, dessa forma, que os gêneros apreendem, por assim dizer, os “aspectos anedóticos da vida”, captando aspectos e fenômenos sociais, procurando conceitualizar as mais diversas relações sociais da vida. É partindo dessa ideia que, para o autor, decorre a emergência de novos gêneros.

A emergência de novos gêneros, para Bakhtin (1998[1975]) não deve ser entendida como resultado de processos restritamente mecânicos ou apenas da renovação de dispositivos estruturais formalizados. Novos gêneros refletem mudanças da nova vida social, e tais mudanças levam a novas práticas, novos contextos, novas necessidades e novas relações interativas. Assim, os gêneros por refletirem e significarem as mudanças sociais, levam as pessoas a entender e a ver aspectos da realidade de novas maneiras, à medida que “[...] a realidade do gênero e a realidade que o gênero pode alcançar estão organicamente ligadas.” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 200). Todo gênero responde às necessidades sociais e às experiências sociais.

Bakhtin entende que, em uma visão oposta a sua, para os formalistas, por exemplo, a criatividade resultaria simplesmente da recombinação de elementos já prontos, isto é, os formalistas tendiam a compreender que um novo gênero surge de gêneros disponíveis a partir da remodelação ou reagrupamento de elementos já dados. Como explica o autor, para os formalistas, “tudo é dado ao artista, restando-lhe apenas combinar de maneira



nova o material já pronto.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 146). Entretanto, em termos bakhtinianos, a verdadeira visão de historicidade dos gêneros discutiria, de fato, não a reconfiguração de modelos já dados, mas a interação de experiências humanas historicamente construídas como formas de conceitualizar a realidade em gêneros. Essa crítica de Bakhtin aos formalistas reforça a ideia já discutida dos gêneros do discurso como correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.

Como explicam Morson e Emerson (2008), o formalismo, especialmente em seu início, acabava por ignorar que a experiência social e as práticas reais, conduziam à emergência de novos gêneros. Os formalistas não entendiam que novos gêneros resultariam de novas visões do mundo e de novas possibilidades de interação, acrescentamos. Os autores esclarecem que, na verdade, não havia nenhuma percepção real da história como embasamento para o modelo formalista. Não havia menções às experiências sociais. Para os formalistas, a história é sempre um presente permanente, uma contemporaneidade permanente. Em oposição, argumentam os autores, Bakhtin identifica os gêneros do discurso como um órgão-chave da memória e um importante veículo social da historicidade (MORSON; EMERSON, 2008, p. 296). Os autores ainda reiteram que

Novos gêneros refletem mudanças na vida social real. Tais mudanças levam a novas visões da experiência e a diferentes gêneros de discurso [...]. Os gêneros, uma vez surgidos, podem ensinar as pessoas a ver aspectos da realidade de maneira nova [...]. (MORSON; EMERSON, 2008, p. 294).

Com isso, podemos entender que, em termos bakhtinianos, um novo gênero acaba por enriquecer o repertório social de visões de mundo, à medida que se constitui como verdadeira forma de pensamento. Os gêneros transmitem certa visão de mundo, isto é, experienciamos o mundo por meio dos gêneros. Com isso, compreendemos que os gêneros, ao longo de sua

historicidade, constituem-se como formas de ver e interpretar aspectos particulares do mundo.

### **Considerações finais**

Com base nos escritos do Círculo de Bakhtin, ao longo desse trabalho, pudemos compreender que cada gênero implica um conjunto de valores, uma forma específica de pensar sobre nossas experiências, ou seja, todo gênero traz em si uma apreciação da realidade. Como já afirmamos, os gêneros são, portanto, um vínculo entre a história da sociedade e a história da língua da sociedade. Os gêneros, por assim dizer, acumulam experiências e para compreendê-los é preciso desenvolver uma reflexão apurada e flexível sobre as diferentes mudanças sobrevindas da vida em sociedade.

Portanto, entendemos que os gêneros possibilitam e medeiam as interações e, logo, a produção de enunciados, pois, como visto, um dos fatores determinantes para a constituição do acabamento dos enunciados é a forma de gênero. Um determinado gênero do discurso se constitui para o falante como um “modelo” para a construção da totalidade discursiva e, para o interlocutor, por sua vez, como um horizonte de expectativas.

Com o estudo teórico-epistemológico empreendido neste trabalho, procuramos, portanto, construir uma rota de discussão que conduzisse o leitor a compreender que *o conceito de gêneros do discurso sob o olhar dos escritos do Círculo de Bakhtin* leva o pesquisador a investigar, inicialmente, três questões: (i) a relação intrínseca entre esferas da atividade humana e gêneros do discurso; (ii) a regularidade relativamente estável do conteúdo temático, do estilo e da composicionalidade do gênero do enunciado e (iii) constitutividade histórica do gênero e seu engendramento na *archaica*. Assim, diferentemente

de outras perspectivas de estudos dos gêneros do discurso (ou textuais), o estudo dos gêneros do discurso sob o matiz dos escritos do Círculo ratifica a orientação sócio-histórica do gênero, não entendendo-o sob um ângulo



essencialmente estrutural (o que conduziria a um convencionalismo e rigidez em relação ao todo do enunciado), mas compreende-o como um complexo sistema de acabamento da realidade (MEDVIÉDEV, 2012[1928]).

## Referências

ACOSTA-PEREIRA, R; RODRIGUES, R. Perspectivas Atuais sobre Gêneros do Discurso no campo da Linguística. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**. Ano 8, n. 16, 2009. Disponível em: [www.letramagna.com](http://www.letramagna.com)

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 4ª ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

\_\_\_\_\_. **O Freudismo: um esboço crítico**. Trad. Do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1924].

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a [1963].

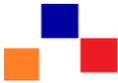
\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008b [1965].

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920/1924].

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

CARETTA, A. A. **A canção e a cidade: estudo dialógico-discursivo da canção popular brasileira e seu papel na constituição do imaginário da cidade de São Paulo na primeira metade do século XX**. Tese. (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.



FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GRILLO, S. V.C. A noção de ‘tema do gênero’ na obra do Círculo de Bakhtin. **Estudos Linguísticos XXXV**, v. 1, 2006, p. 1825-1834.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012[1928].

MORSON, G. S; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

RODRIGUES. R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

Recebido em 15/12/2012.

Aceito em 25/06/2013.

**Rodrigo Acosta Pereira**

Doutor em Linguística, na área de concentração Linguística Aplicada. Professor de Linguística Aplicada na UFSC. Integrante do NELA – Núcleo de Pesquisas em Linguística Aplicada (UFSC-PGLg-CNPq).

E-mail: drigo\_acosta@yahoo.com.br